

## **Entrevista publicada na Folha Dirigida, Rio de Janeiro, Edição nº 1069, de 06/10/2006, no caderno “Aprender”, pág. 9**

**Cipriano Carlos Luckesi, Doutor em Educação pela PUC de São Paulo, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Contato: [luckesi@terra.com.br](mailto:luckesi@terra.com.br).**

**1. Qual principal objetivo da avaliação na maioria das escolas regulares? Ela de fato cumpre seus objetivos?**

Na maioria das escolas regulares, de fato, não se pratica avaliação, porém sim exame. Avaliação e exame são atos completamente diferentes. O exame é classificatório (coloca o estudante em um nível específico de uma escala), seletivo (a partir da posição na qual o estudante é classificado, é aprovado ou reprovado), antidemocrático (se há seletividade, não pode ser democrático, a aprendizagem seria para poucos) e autoritário (quem decide é somente a autoridade e sempre do seu ponto de vista), a avaliação, por outro lado, é diagnóstica (investiga o nível de desempenho do educando e seus impasses), inclusiva (reorienta o estudante a partir do diagnóstico realizado, sempre incluindo-o na aprendizagem satisfatória), democrática (se ela é inclusiva, deseja que todos aprendam, não somente uns poucos) e dialógica (há diálogo no processo avaliativo; nem sempre a autoridade tem razão). Dessa forma, tendo presente essas características dos dois modos de agir, verificamos que o que, genericamente, vem ocorrendo em nossas escolas é exame e não avaliação; por isso, o que vem ocorrendo em nossas escolas não cumpre a função de efetivamente avaliar, devido esse modo de agir ser denominada de avaliação, mas, de fato, ser exame.

**2. Atualmente, é verificação ou avaliação que se pratica nas escolas de ensino médio?**

O que, hoje, se pratica nas escolas de Ensino Médio, falando de um modo geral, pois que existem exceções, é exame; nem verificação nem avaliação. O termo verificação, na sua compreensão mais precisa, tem a ver com mensuração e a mensuração é base tanto para o ato de examinar quanto para o ato de avaliar. Antes de classificar (exame) como antes de qualificar (avaliação) o desempenho do estudante, é preciso identificar, descrever (portanto, mensurar) a sua capacidade de agir, mensurar a sua aprendizagem; cuja mensuração, usualmente, é realizada através de testes ou de outros recursos de investigação do desempenho. Por analogia, poderíamos dizer que um teste de 20 questões equivale a uma régua de vinte centímetros, cada questão corresponde a um centímetro. Cada questão certa é um acerto e cada questão errada é um erro; analogicamente, poderíamos dizer, um centímetro a mais ou um centímetro a menos. Assim se dá a **mensuração** da aprendizagem escolar. A avaliação, por sua vez, é uma atribuição de qualidade positiva ou negativa àquilo que foi

mensurado, na medida mesma da mensuração. Quanto mais a medida mostrar o resultado próximo do objetivo preestabelecido, tanto maior será a sua qualidade; quanto mais distante do resultado esperado, menor será sua qualidade (o que, frente a meta de obter os melhores resultados, obriga necessariamente a reorientação e reconstrução da aprendizagem). O exame, por seu turno, a partir da mensuração, classifica o estudante (aprendeu, ótimo; não aprendeu, reprovado). Em síntese, o que se pratica na escola de Ensino Médio, hoje, é exame; e não há como compará-lo com a verificação, na medida em que esta é a base material para proceder a classificação no ato de examinar e a qualificação do desempenho no ato de avaliar.

**3. Na sua opinião como a escola tem utilizado o sistema de notas ou de conceitos? Apenas como instrumento de aprovação ou reprovação?**

Notas ou conceitos têm por objetivo registrar os resultados da aprendizagem do educando; por isso, somente expressam o testemunho do educador ou da educadora de que aquele estudante aprendeu em sua disciplina o que tinha necessidade de aprender. As escolas, os estudantes, seus pais e as autoridades educacionais, usualmente, confundem nota ou conceito com avaliação. Avaliação da aprendizagem é o ato de diagnosticar o desempenho do estudante, tendo em vista auxiliá-lo a chegar ao nível mínimo necessário de aprendizagem; a nota ou conceito é a forma de registrar em documentos cartoriais da escola a qualidade final do desempenho do educando, que sempre deveria ser satisfatória, caso a aprendizagem seja efetivamente construída pelos atos pedagógicos de ensinar. Aprendizagem satisfatória não significa, em si, aprovação; porém, em si, significa aprendizagem satisfatória, o que, evidentemente, conduz a uma aprovação. Assim, a aprovação não é o ponto de partida, mas sim o ponto de chegada. Uma aprendizagem satisfatória conduz a uma aprovação. A aprendizagem satisfatória depende do investimento na qualidade do ensino, centrada no sucesso do estudante.

**4. Por que na sua opinião a avaliação que se pratica nas escolas tem um sentimento de culpa?**

A meu ver, “a avaliação que se pratica na escola não tem um sentimento de culpa”, mas sim compreendo que os exames praticados na escola têm a ver com a idéia de que, sendo castigado, um estudante se dedica mais aos estudos. Essa ideologia não pertence somente à escola, mas sim o modelo de sociedade judaico-católica dentro da qual vivemos. Em nossa tradição ocidental, o castigo ou a ameaça do castigo tem sido um recurso muito utilizado em todas as instâncias sociais, tendo em vista submeter o outro aos próprios interesses. Os presidentes das repúblicas, nos países, denominados democráticos, muitas vezes, ameaçam setores sociais com punições, esperando que essa ameaça surta um efeito que esperam; governantes de países dominantes ameaçam os de menor poder, tendo em vista obter vantagens; os pais ameaçam seus filhos para que eles obedeçam suas ordens; educadores usam os exames para gerar medo em seus estudantes na esperança de que sob esse recurso eles estudem mais. Já escrevi, certa vez, sobre a relação “culpa e castigo” na prática dos exames escolares, porém ali desejava mostrar que, usualmente, através dos recursos das

provas, criamos situações por meio das quais os estudantes terão que se manifestar fracos em suas aprendizagens, por isso, merecendo o castigo da reprovação. Então, acredito que em nosso entendimento comum da prática educativa, acreditamos que o castigo ou a ameaça do castigo educa, o que não é verdade.

**5. E em relação, as notas de avaliação que são usadas para fundamentar as necessidades de classificação dos alunos. Não é um método moderno de analisar o desempenho dos alunos?**

Poder-se-á utilizar notas para proceder a uma classificação dos estudantes, um ranqueamento; porém isso não significa, de forma alguma, praticar avaliação. O ato de avaliar, exclusivamente, diagnóstica, cujo objetivo de subsidiar decisões de investimento na construção dos resultados mais satisfatórios. No dia a dia, em todos os momentos praticamos avaliação, na medida em que desejamos obter o melhor de nossa ação. Podemos observar isso nos atos mais simples e nos mais complexos. Ninguém de nós busca o insucesso. Diagnosticamos, para identificar impasses e encontrar soluções, as melhores possíveis.

**6. No seu entender, para não ser autoritária e conservadora, a avaliação tem a tarefa de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço e terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos? Como tais critérios podem ser estabelecidos e inseridos em sala de aulas?**

Simples. De dois modos. O primeiro refere-se ao planejamento do ensino. Este tem por objetivo tornar explícitos os nossos desejos de que os estudantes aprendam o que nós vamos ensinar. Planejar não é escrever um documento, como usualmente tem ocorrido em nossas escolas; é clarear desejos sobre os resultados que queremos como consequência de nossa ação. O documento escrito para ser entregue as autoridades pedagógicas de uma instituição contém o relato de nossas decisões sobre o que iremos fazer. Somente isso; contudo isso é fundamental, na medida em que delinea o que pretendemos obter. O segundo elemento é o investimento na realização do que foi planejado, ou seja, o investimento na obtenção dos resultados desejados. É assim que agimos sempre. Se desejo fazer uma viagem para o exterior, tenho que planejá-la e, vagarosamente, de forma detalhada e sucessiva, realizar todos os passos necessários para poder viajar: decidir a viagem, estabelecer os lugares onde desejo ir, a permanência em cada local, os custos, viabilizar passagens e hotéis, passaporte, fazer economias para ter o dinheiro necessário e suficiente para a viagem. A viagem é construída. A aprendizagem é a mesma coisa, sem efetiva construção, ela não existe. Certa vez, vi um relato de que uma professora que no primeira dia de aula do ano letivo disse o seguinte: “Hoje, tive trinta e três estudantes na sala de aula. Certamente, no final do ano, dezesseis deles serão aprovados”. Com esse desejo, os seus estudantes não aprenderão, na medida em que está explícito que ela não vai investir para que efetivamente eles aprendam. Sem planejamento não há aprendizagem adequada, mas planejamento sem investimento na sua construção não conduz a resultados desejados.

**7. Alguns teóricos acreditam que os currículos das escolas de ensino médio têm sido propostos para atender a massificação do ensino. Como o senhor interpreta essa questão?**

A distorção não está no currículo, mas sim na concepção pedagógica assumida pelos educadores. A educação foi instituída para “formar o educando e o cidadão” e não para cumprir o currículo; contudo, os educadores centram sua atenção no currículo e esquecem o educando. O currículo é um dos recursos necessários a ser utilizado pelo educador para que o educando aprenda e, por aprender, se desenvolva como sujeito e como cidadão. Cumprir o currículo não cumpre a finalidade da educação; ao contrário distorce a sua finalidade. O currículo é necessário, mas a serviço da formação do educando. O que massifica não é o currículo em si, mas sim o seu privilegiamento por sobre o educando, que é o centro da atenção do ato educativo. Então, nós educadores necessitamos de colocar nossa atenção no educando e nos servirmos do currículo como recurso mediador da aprendizagem e do desenvolvimento; e não o contrário o educando a serviço do currículo. Se assim agirmos, do ponto de vista pedagógico, a massificação desaparece, na medida em que será o indivíduo o foco de nossa ação educativa.

**8. Atualmente, alguns educadores acreditam que o ideal é planejar uma avaliação para cada aluno? Como o senhor analisa essa possibilidade, é a melhor forma de avaliar?**

Olha seria ótimo que pudéssemos praticar a avaliação dos estudantes de forma individualizada e dialogada. Conheço muito pouco da divulgada Escola da Ponte, em Portugal; mas, parece que a prática da avaliação no seu currículo se dá de forma individualizada. Cada estudante, quando sente que já aprendeu determinado conteúdo, procura seu professor e se submete a uma avaliação. Se sua aprendizagem se manifesta satisfatória, passa para outro tópico; caso se apresente insatisfatória, é ajudado para atingir o nível da satisfatoriedade. Esse seria um ideal. Mas, nós não temos essa possibilidade em nossas escolas com turmas numerosamente grandes, como elas se dão em nossas escolas. Nesse contexto, afirmo que a avaliação poderá ser plenamente e bem praticada mesmo com grande número de estudantes por turma. Isso dependerá de bons e adequados instrumentos de coleta de dados sobre o desempenho dos educandos. Se nossos instrumentos forem planejados e elaborados com certos requisitos metodológicos da ciência, coletarão verdadeiramente os dados da aprendizagem dos educandos, o que garantirá, por sua vez, um juízo qualitativo correto sobre a aprendizagem dos educandos e sua reorientação, caso seja necessário. Tenho escrito de dois em dois meses um artigo para a revista ABC Educatio, Editora Criarp, São Paulo. Lá tenho abordado largamente essas questões relativas aos instrumentos adequados para prática da avaliação. Com instrumentos adequados

e cientificamente elaborados, a avaliação poderá ser praticada com qualidade junto a qualquer número de estudantes. Nas condições acima indicadas, não tenho dúvidas sobre o que acabo de afirmar.

**9. No seu livro - Equívocos Teóricos na Prática Educativa - trata de uma forma crítica, sociológica, política sobre temas relacionados à escola, ensino, aprendizagem Escolar e avaliação. O senhor acredita que muitos desses valores que envolvem o cotidiano escolar e relações com os educandos mudaram?**

Esse livro foi publicado em 1982. Acredito que o que está exposto nele ainda é válido, como visão analítica e crítica. Ele contém um estudo de época. Porém, hoje, pessoalmente, para além da crítica, tenho insistido na construção de uma prática pedagógica satisfatória no cotidiano escolar. A crítica é necessária, mas ela tem uma magnitude limitada diante da necessidade de encontrar e praticar uma educação de qualidade. Assim sendo, em meus escritos já abordei bastante a avaliação de forma crítica; ultimamente, tenho olhado mais para o aspecto construtivo. Contudo, não deixei o aspecto crítico, na medida em que o considero ponto de partida para a construção do novo. Essa é a função do diagnóstico; porém um diagnóstico deve ser seguido de uma busca de solução, sob pena dele perder-se na pura crítica. Assim sendo, aquele livro dos anos oitenta é significativo ainda do ponto de vista de seus conteúdos e abordagens, mas hoje, dedico-me à construção de novas possibilidades para a prática educativa e para a avaliação da aprendizagem.

**10. Acreditar que tais notas ou conceitos possam, por si só explicar, o rendimento do aluno e justificar uma decisão de aprovação ou retenção, sem que seja analisado o processo de ensino-aprendizagem não é uma forma de reduzir as possibilidades de professores e alunos?**

Como sinalizei em pergunta anterior desta entrevista, assumir notas ou conceitos como se eles fossem a própria avaliação é uma distorção, na medida em que o ato de avaliar é o ato de diagnosticar o desempenho do estudante, assim como de suas dificuldades, tendo em vista a tomada de decisões sobre como auxiliá-lo a obter o resultado necessário. Então, se notas ou conceitos forem utilizados com essa distorção (como usualmente vem sendo utilizados em nossas escolas) não ajudarão, de forma alguma, ao crescimento dos educandos, o que, obviamente, conduz ao reducionismo de possibilidades como você sinaliza em sua pergunta.

**11. Para o senhor o valor da avaliação encontra-se no fato do aluno poder tomar conhecimento de seus avanços e dificuldades. Como é possível esta relação e como se intensifica nas salas de aulas?**

A função da avaliação da aprendizagem é oferecer a todos os envolvidos no processo pedagógico a possibilidade de conhecer as amplitudes e os limites da aprendizagem do educando. Isso interessa ao educando, ao educador, à

instituição de ensino. A instituição, diante de dados bem coletados deverá tomar posição para que sua instituição efetivamente cumpra os objetivos que estão propostos em seus regimentos e apresentados à sociedade. As escolas anunciam à sociedade que elas ensinam para que os estudantes aprendam. Então, isso deve ser cumprido e, para tal, as instituições tem que investir em condições e pessoal para o ensino. Os professores devem ter interesse nos resultados da avaliação, pois que ela indicará para eles onde deverão intervir para que o seu trabalho produza os resultados esperados, que seja bem sucedido. É estranho trabalhar para se obter insucesso. Isso é insanidade. E, por último, os resultados da aprendizagem dos educandos interessa aos próprios educandos, para que tomem consciência de como se encontram e, fazendo uma parceria com os educadores, possam dar passos à frente, também na busca dos melhores resultados. Deste modo, os resultados da avaliação interessam a todos na escola, tendo em vista o seu sucesso. Os exames escolares, muitíssimas vezes, são utilizados para expressar que o fracasso escolar representa uma “escola boa”. Diz-se: “Aquela escola, é boa porque aperta os estudantes”. Ledo engano. Uma escola é de boa qualidade porque os estudantes efetivamente aprendem.

**12. Quais seriam as formas de praticar e avaliar conteúdos em sala de aula? Que desafios os professores e a escola podem enfrentar nesse processo?**

“Praticar os conteúdos” no seio da escola importa em ensiná-los da melhor forma possível; isso, conseqüentemente, significa que os estudantes os aprendem também da melhor forma possível. É insanidade pura pensar que, devido uma escola ser equipada com muitos recursos técnicos, ela é uma boa escola. Uma boa escola é aquela que centra sua atenção nos educandos e estes aprendem efetivamente o que é ensinado, tendo em vista sua formação e desenvolvimento. “Avaliar os conteúdos” é uma ação comprometida com a seleção de conteúdos a serem ensinados; porém “avaliar a aprendizagem dos conteúdos” é uma tarefa que cabe ao educador no cotidiano escolar. Para tanto, necessita, em primeiro lugar, de ter claro o projeto pedagógico a ser desenvolvido, praticado e realizado com os estudantes, tendo em vista sua aprendizagem e seu desenvolvimento; em segundo lugar necessita de praticar a avaliação efetivamente na função de avaliar (sem confundi-la com a função de examinar), o que exige cuidados científicos na elaboração e uso dos instrumentos e coleta de dados sobre o desempenho do educando, como também cuidados na interpretação dialógica

dos dados obtidos. O que interessa ao educador é obter o melhor resultado possível e o ato de avaliar subsidia isso. Esse é um modo saudável de servir-se dos recursos da avaliação da aprendizagem na escola.

**13. Para buscar a melhoria da qualidade da docência é necessário o quê, atualmente?**

Além de oferecer aos educadores condições adequadas de trabalho, espaço físico, material didático, salários satisfatórios, compatíveis com suas necessidades, Uma formação adequada, teórica e vivencial (não basta ser só teórica) no Ensino Superior, que faça do educador um profissional que efetivamente tenha consciência do que está fazendo e por quê está fazendo; mas, também, uma formação continuada no seio de cada um das instituições onde trabalha. O que se aprende hoje não é suficiente para o amanhã, na medida em novas emergências exigem novas e mais consistentes soluções. O educador necessita de ser um profissional consistentemente formado.